

## O sistema urbano português: 1890-1991<sup>1</sup>

**Nuno Pires Soares**

Departamento de Geografia e Planeamento Regional  
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas  
Universidade Nova de Lisboa  
Av. Berna, 26 C, 1069-061 LISBOA  
Telefone +351.1.7933919 Fax +351.1.7977759  
nhpsoares@fcsh.unl.pt

### Resumo

*O sistema urbano português registou ao longo dos últimos cem anos um crescimento generalizado, essencialmente ao longo do litoral Atlântico, havendo a destacar as regiões metropolitanas de Lisboa e do Porto.*

*A análise individualizada do perfil evolutivo da população residente em unidades urbanas (cidades e sedes de concelho), permite identificar vários tipos de trajectórias: 43% das unidades urbanas possuem um perfil de crescimento rápido, 12% moderado e 45% encontram-se estagnadas ou em declínio. A leitura da distribuição espacial dos diferentes tipos de evolução permite validar a tradicional diferenciação espacial litoral / interior.*

*O fenómeno emigratório que marcou a história demográfica nacional está registado também na evolução populacional de grande número de unidades urbanas. A emigração não afectou só o mundo rural mas também muitas pequenas e médias cidades.*

*A relação entre a dimensão populacional das unidades urbanas e o seu perfil de evolução, permite concluir que são as maiores cidades localizadas no litoral que crescem mais rapidamente, enquanto que as pequenas unidades urbanas, localizadas no interior, se encontram na sua generalidade estagnadas ou mesmo em declínio.*

**Palavras-chave:** Sistema urbano, cidade, dinâmica urbana.

<sup>1</sup> Adaptado do 5º capítulo da tese de Doutoramento — O sistema urbano português: 1890 /1991 —, apresentada na FCSH da UNL em 3.2.1999.

## Résumé

*Le système urbain portugais a enregistré tout au long des cent dernières années une croissance généralisée, essentiellement au long du littoral Atlantique, ayant à mettre en évidence les régions métropolitaines de Lisboa et Porto.*

*L'analyse individualisée du profil évolutif de la population résidente dans les unités urbaines permet d'identifier plusieurs types de trajectoires: 43% des unités urbaines possèdent un profil de croissance rapide, 12% modéré et 45% se trouvent stagnées ou en déclin.*

*La lecture de la distribution spatiale des différents types d'évolution permet de valider la traditionnelle différenciation spatiale littoral / arrière-pays.*

*Le phénomène d'émigration qui a marqué l'histoire démographique nationale est aussi souligné dans l'évolution de la population d'un grand nombre d'unités urbaines. L'émigration n'a pas seulement touché le monde rural mais aussi les petites et les moyennes villes.*

*Le rapport entre la dimension de la population des unités urbaines et son profil évolutif, permet de conclure que ce sont les villes les plus grandes localisées dans le littoral qui grandissent le plus rapidement, alors que les petites unités urbaines, localisées dans l'arrière-pays se trouvent pour la majorité stagnées ou même en déclin.*

**Mots-clés:** Système urbain, villes.

## Summary

*The Portuguese Urban System as registered, in the past one hundred years a global growth essentially along the atlantic coast. There are two metropolitan areas that stand out: Lisbon and Oporto.*

*The individual analysis of the evolutive profil of the resident population on urban units, allows us to identify several tendencies: 43% of the urban units have a profile of rapid growth; 12% moderated growth and 45% have stagnated or are even in decline. The reading of spatial distribution of this several types of evolution allows us to validate the traditional difference between the interior and the littoral.*

*The migration process that as marked the portuguese demographic history is also registered by the populational evolution of a large number of urban units. Emigration affected not only the rural world, but also small and medium towns.*

*The relation between populational dimension of urban units and its profil of evolution allows us to concluded that the largest littoral cities are the ones who have a more rapid growth. The small urban units, located in the interior, are stagnated or in decline.*

**Keywords:** Urban system, towns.

## Algumas observações sobre perfis de evolução demográfica

A forma como se organiza o espaço é frequentemente negligenciada na descrição e interpretação dos sistemas urbanos. Sendo variado o conjunto de questões que se podem colocar neste âmbito, seleccionamos duas interrogações que se nos afiguram essenciais. Como se dispõem e se organizam as novas unidades urbanas<sup>2</sup> no âmbito de uma trama urbana já existente ou, formulando a mesma questão de outra maneira, qual o comportamento do padrão de distribuição urbana de uma determinada região ou país, com a entrada de novas unidades urbanas numa fase de crescimento urbano? E em segundo lugar, que alterações terão ocorrido no padrão urbano de distribuição no decurso de um século?

Comecemos por comparar a distribuição das unidades urbanas nacionais em 1890 e 1991 — mapas nº1 e nº2. A observação destes mapas revela-nos que a trama urbana, embora se saiba que no decurso de cem anos tenha sido submetida a contínuas tensões, contém um evidente carácter persistente. As unidades urbanas registam na maior parte dos casos um manifesto crescimento, assistimos a um fortíssimo empolamento demográfico/urbano no interior das duas Áreas Metropolitanas, mas permanece no essencial a mesma trama urbana. Poderemos, assim, considerar que a coerência do sistema é uma constante no espaço português.

Entre 1890 e 1991 o número de unidades urbanas aumentou, passando de 210 para 279. A observação dos dois mapas permite-nos identificar parcialmente as duas componentes essenciais da evolução do sistema urbano. Por um lado, o aumento generalizado do tamanho das unidades urbanas e, por outro lado, a densificação da rede urbana devido ao aparecimento de novas unidades urbanas, embora estas se localizem na sua grande maioria na área envolvente das duas maiores cidades, como já anteriormente foi referido.

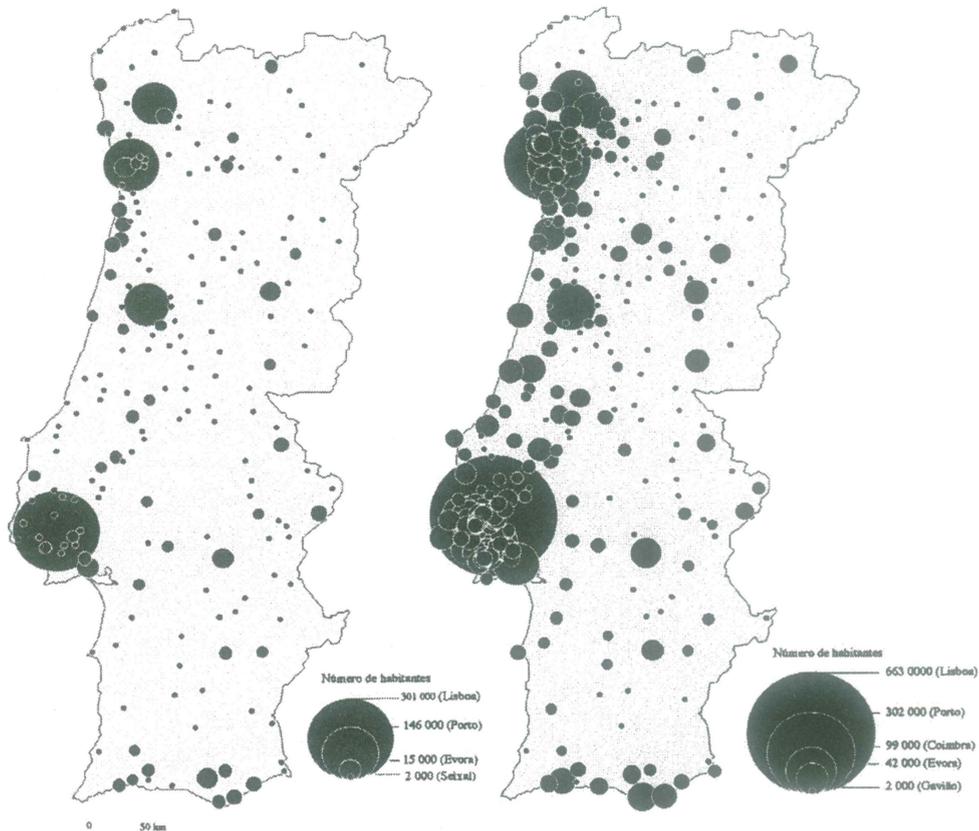
A densificação da rede urbana só é efectivamente evidente nestas duas áreas metropolitanas. No restante território nacional não se evidenciam alterações significativas no que concerne ao aparecimento de novas unidades urbanas. Sendo este facto de realçar, não se pode deixar no entanto de ter presente que ele decorre directamente do limiar populacional adoptado, que se considerou que deveria ser constante ao longo do tempo. À semelhança de outros estudos sobre sistemas urbanos, se tivéssemos considerado para datas mais recuadas um limiar mais elevado, seria eventualmente evidente a densificação da rede urbana decorrente do aparecimento de maior número de novas unidades urbanas.

---

<sup>2</sup> Unidade urbana = População residente em freguesias que se integrem espacialmente, em parte ou na sua totalidade, em lugares que em 1995 eram designados como cidades e que em 1991 possuíam mais de 2 000 habitantes + População residente em freguesias que se integrem espacialmente, em parte ou na sua totalidade, em lugares sedes de Concelho que possuíam mais de 2 000 habitantes em 1991.

Mapa n.º 1 Distribuição das unidades urbanas em 1890

Mapa n.º 2 Distribuição das unidades urbanas\* em 1991



\* Para aldeias sedes de concelho e cidades com mais de 2 000 hab. representaram-se também os *centros urbanos* (lugares com mais de 10 000 hab.)

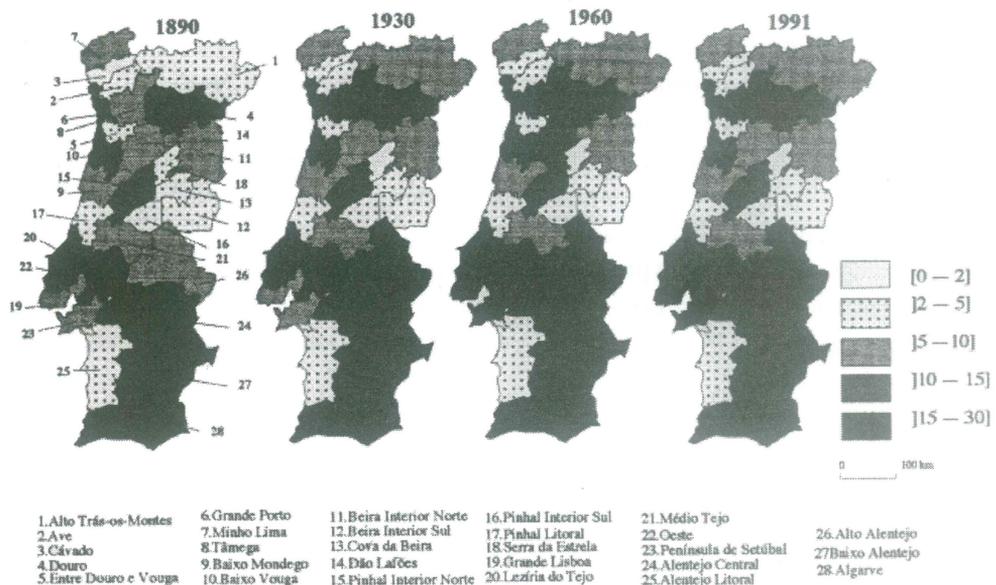
Portugal, país do sul da Europa, só tardiamente encetou o seu desenvolvimento industrial. Enquanto país que dispõe de escassos recursos minerais e de matérias-primas, é ainda hoje medianamente industrializado. O aparecimento de novas cidades ou o espectacular desenvolvimento de determinadas urbes, induzido pelo desenvolvimento industrial e dos transportes, são fenómenos muito raros ou quase inexistentes no quadro geral urbano nacional<sup>3</sup>.

Também o longo passado colonial português não teve qualquer tido de reflexo digno de registo no sistema urbano do Continente, com a excepção da capital do país,

<sup>3</sup> Não existem em Portugal cidades da primeira fase da Revolução Industrial ou cidades mineiras equivalentes, de alguma forma, às que surgiram nas bacias carboníferas da Grã-Bertanha, do Ruhr e Lorena ou mais próximo de nós, nas Astúrias ou no País Basco. Embora existam no território nacional algumas cidades e vilas com cunho industrial ou ferroviário muito forte, como por exemplo: Marinha Grande, Covilhã, Barreiro e Entroncamento, é bastante difícil afirmar que exista uma verdadeira geração de cidades “filhas” da Revolução Industrial.

onde se encontravam sediadas a quase totalidade das actividades administrativas e económicas, que se relacionavam directamente com os territórios do Ultramar. Para além da capital, não há nenhuma cidade em particular ou conjunto de cidades que se tenha(m) desenvolvido devido a uma relação privilegiada com as ex-colónias, de âmbito industrial relacionado com a transformação de matérias-primas provenientes desses territórios ou produção de equipamentos para esses mercados. A explicação deste facto recai na tradicional apetência centralizadora do Estado português materializado na capital — Lisboa — e no reduzido desenvolvimento industrial do país que foi incapaz de aproveitar as potencialidades de tão vastos mercados.

Tendo em vista obter um melhor conhecimento da distribuição das unidades urbanas pelo território continental, foi construído o mapa da distribuição das unidades urbanas por NUT III em quatro datas distintas — mapa nº3.



Mapa n.º 3 – Distribuição das unidades urbanas por NUT III

Da sua leitura confirma-se que a densificação da rede urbana se registou basicamente no Grande Porto, na Grande Lisboa e na Península de Setúbal, mantendo as restantes unidades territoriais sensivelmente o mesmo número de unidades urbanas ao longo do tempo. A sul impera o povoamento concentrado, como é o caso do Alentejo Central, do Alto Alentejo<sup>4</sup> e do Baixo Alentejo, com elevado número de unidades urba-

<sup>4</sup> No Alto Alentejo não se regista propriamente este comportamento, sendo mais esparsa o povoamento.

nas relativamente distanciadas entre si; ou do Algarve, com uma importante rede de cidades dispostas ao longo do litoral; ou ainda da Lezíria do Tejo, com as suas unidades urbanas dispostas ao longo da importante via de comunicação fluvial que foi o rio Tejo. No norte, observa-se um comportamento mais diferenciado: por um lado, na faixa oeste-atlântica, de povoamento tradicionalmente disseminado e denso, onde se evidencia um diminuto número de unidades urbanas —regiões do Ave e do Cávado e Entre Douro e Vouga—; por outro lado, todo o Vale do Douro — região do Tâmega e do Douro— com um importante número de unidades urbanas.

Confirma-se, mais uma vez, a grande persistência do sistema urbano ao longo do tempo, não estando nós em presença de uma densificação generalizada a todo o território. Esta só se verifica, efectivamente, nas áreas de Lisboa e Porto, mantendo-se constantes as áreas de fraca densidade urbana — Alentejo Litoral, Beira Interior Sul, Pinhal Litoral, Entre Douro e Vouga, Cávado e Ave e Serra da Estrela. A um padrão urbano já perfeitamente definido em 1890, sobrepõe-se posteriormente uma organização espacial que reforça fundamentalmente as duas grandes áreas de Lisboa e do Porto, decorrente do aparecimento de novas e importantes unidades urbanas na sua envolvente.

Ao longo do litoral atlântico, entre as áreas de Lisboa e do Porto, não se regista o aparecimento de um substancial número de novas unidades, verificando-se, sim, um importante crescimento das unidades urbanas já existentes. Na faixa interior do país, sobre um fundo de unidades urbanas que essencialmente não regista grandes alterações ao longo do tempo, destaca-se um pequeno conjunto de cidades — muitas das quais antigas sedes de Província e de distrito — que têm um crescimento muito importante, como Beja, Bragança, Castelo Branco, Covilhã, Évora, Fundão, Gouveia, Guarda e Portalegre.

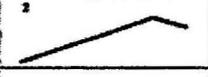
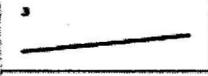
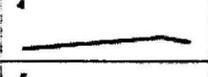
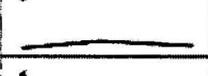
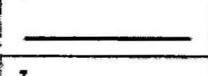
## **Tipos de evolução**

Tendo por objectivo identificar e classificar as diferentes trajectórias demográficas das unidades urbanas<sup>5</sup>, utilizou-se o método de tratamento gráfico e posterior agregação visual de curvas de evolução demográfica. Assim, numa primeira fase procedeu-se à construção de gráficos de evolução para cada unidade urbana. Tendo por objectivo a comparação entre todos os perfis, os eixos ( $x$  e  $y$ ) foram padronizados e o primeiro valor demográfico, referente à data de 1890, de cada unidade urbana, corresponde a uma base de referência 100, sendo assim possível comparar graficamente a evolução entre todas as unidades urbanas. A fase seguinte correspondeu à procura de trajectórias semelhantes de evolução, tendo por objectivo final a identificação de tipos de evolução.

---

<sup>5</sup> Foram só consideradas as 240 unidades urbanas que são sede de concelho e/ou cidade e que possuíam mais de 2000 habitantes em 1991.

Assim, é possível identificar para o conjunto das unidades urbanas nacionais, sete grandes tipos de perfis de evolução.

	<b>Tipo 1</b> Crescimento acentuado (sempre acima do perfil de crescimento do total da população nacional).
	<b>Tipo 2</b> Crescimento acentuado, seguido de decréscimo recente.
	<b>Tipo 3</b> Crescimento moderado (aproximadamente igual ou inferior ao crescimento do total da população nacional).
	<b>Tipo 4</b> Crescimento moderado seguido de decréscimo recente.
	<b>Tipo 5</b> Crescimento moderado até meados do século seguido de decréscimo.
	<b>Tipo 6</b> Estagnação
	<b>Tipo 7</b> Decréscimo

No entanto, esta agregação pode ser ainda mais resumida e depurada, chegando-se à identificação de três grandes tipos de perfis evolutivos. O primeiro, que poderemos designar de crescimento acelerado, congrega os tipos 1 e 2, um segundo tipo de perfil de crescimento moderado em que se incluem os tipos 3 e 4 e por último, o conjunto de perfis que denotam uma tendência de grande estabilidade ou mesmo de decréscimo demográfico, onde se inclui os tipos 5, 6 e 7.

O perfil de crescimento acelerado corresponde a 43% das unidades urbanas, que revelam genericamente o seguinte comportamento: entre 1890 e 1920, crescimento moderado, entre 1920 e 1960 crescimento mais acelerado. Da década de 60 a 1981 registam-se dois comportamentos diferenciados: por um lado, um conjunto de unidades urbanas continuam a sua progressão ascendente com taxas de crescimento bastante elevadas; por outro lado, observa-se a existência de um segundo grupo de unidades urbanas que diminuem o seu ritmo de crescimento entre 1960 e 1970, voltando a aumentar entre 1970 e 1981.

Estas cidades e sedes de concelho acompanham a evolução geral da população total, que é particularmente afectada pela emigração portuguesa para a Europa na década de 60, registando na década seguinte um acréscimo populacional inesperado, decorrente não só do regresso de muitos milhares de portugueses dos antigos Territórios Ultramarinos, mas também do acentuado decréscimo da emigração. No último período

intercensitário constatamos que na grande maioria dos casos se processou um abrandamento ou mesmo um pequeno declínio do ritmo de crescimento das unidades urbanas, embora este comportamento seja evidente num contexto de comparação com a década anterior, criando-se a ideia de que nos últimos dez anos o ritmo de crescimento estabilizou. A esta interpretação, pode-se associar a ideia de que algumas destas unidades urbanas já entraram numa fase recente de saturação ou declínio demográfico. É ainda provavelmente prematuro alargar a generalização desta última explicação à maioria das unidades urbanas, com excepção da cidade de Lisboa e do Porto e de eventualmente algumas unidades urbanas na periferia imediata da capital, mas nestes casos não podemos deixar de ter presente que a qualidade da informação apresenta alguns problemas decorrentes de alterações administrativas (criação de novas freguesias) que dificultam a análise comparativa intercensitária. Inclui-se neste caso os perfis evolutivos de Almada, Loures e Odivelas.

O perfil de crescimento moderado corresponde a 12% das unidades urbanas nacionais; apresentando uma progressão ascendente, evidencia sumariamente o mesmo tipo de oscilações, ao longo do tempo, que o perfil de crescimento acelerado. A grande diferença entre estes dois tipos reside na configuração dos respectivos tipos de perfis. O perfil de crescimento moderado possui menor inclinação, genericamente inferior à inclinação do perfil de evolução do total de população nacional.

No terceiro grande tipo de perfis que designamos de grande estabilidade, incluem-se 46% das unidades urbanas. Envolve três subtipos diferentes de perfis, apresentando várias unidades urbanas algumas dificuldades de classificação<sup>6</sup>. O traço dominante destas cidades e sedes de concelho é a fraca alteração do seu carácter evolutivo ao longo de aproximadamente um século. Este traço geral é particularmente acentuado no tipo de perfil nº6. Do segundo tipo de perfil que se inclui neste grande grupo — tipo 5 — fazem parte unidades urbanas que registaram uma evolução demográfica positiva até cerca de meados do século, mas que a partir dessa data têm vindo a registar, com alguma regularidade, decréscimos de população. Correspondem estas unidades urbanas, em muitos casos, a sedes de concelho em que a actividade agrícola foi particularmente determinante até meados do século tendo, a partir de então, estabilizado ou diminuído a sua taxa de crescimento. Por último, regista-se um pequeno conjunto de unidades urbanas — tipo 7 — em que se observa uma tendência para o decréscimo da população, que se regista desde as primeiras décadas do presente século. Em traços gerais, poderemos afirmar que este último grupo expressa em termos gerais um comportamento que a ciência demográfica habitualmente designa por estagnação, sinónimo de inércia ou de falta de movimento; e

---

<sup>6</sup> Palmela é neste contexto um dos casos mais singulares; tendo crescido rapidamente até 1920, veio a perder população até 1960 recuperando o seu anterior dinamismo populacional a partir de então; tendo sido classificada, com algumas dúvidas, no Tipo 6, não deixa, todavia, de apresentar uma curva de evolução relativamente atípica.

é precisamente este tipo de atributos que parece afectar 46% das unidades urbanas portuguesas.

## Tipos de unidades urbanas e distribuição espacial

A análise da distribuição dos três grandes tipos de evolução urbano-populacional permite-nos identificar um igual número de padrões e estabelecer algumas inter-relações de conjunto.

Começando por observar a distribuição das unidades urbanas que ao longo de cem anos tiveram um crescimento rápido (mapa n.º4), verificamos fundamentalmente a existência de duas fortes nucleações que correspondem genericamente às duas grandes áreas metropolitanas respectivamente de Lisboa e do Porto.



Mapa n.º 4 – Unidades Urbanas. Tipo 1 e Tipo 2.

Existe, no entanto, uma diferenciação notória ao nível espacial: enquanto no caso da área de Lisboa o número de unidades urbanas é menor quando comparado com o maior número de unidades existente na área do Porto, a concentração espacial das unidades urbanas em torno da capital é manifestamente maior do que a registada em torno do Porto.

As formas tradicionais de povoamento continuam a estar presentes actualmente e a participar na repartição e interpretação espacial, se bem que em contexto temporal e económico totalmente diferenciado: enquanto na região do Porto prevalecia ainda, na década de 40, segundo o professor Orlando Ribeiro, *o povoamento disperso em pequenos núcleos* e na região da capital predominavam os *lugares aglomerados com dispersão intercalar*, na actualidade a essência formal do padrão não sofreu grande alteração.

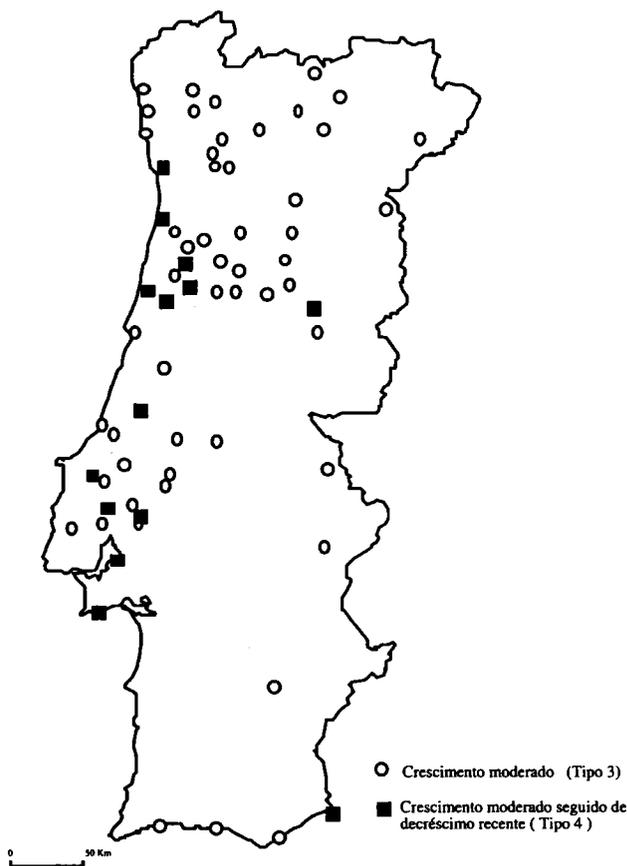
Entre estas duas nucleações que congregam elevado número de unidades urbanas de crescimento rápido, dispõe-se, ao longo da faixa litoral, um conjunto de urbes com distribuição mais esparsa, que estabelece uma determinada coesão urbana que se faz sentir em toda a faixa litoral compreendida entre o estuário do rio Sado e a foz do rio Cávado. Da observação mais detalhada se conclui que esta faixa litoral não envolve de facto unidades urbanas com uma localização costeira efectivamente de frente para o mar, à excepção de Peniche. Tomando como referência a área de Lisboa, esta faixa litoral desenvolve-se para norte segundo dois eixos: um mais litoral que inclui Torres Vedras, Peniche, Caldas da Rainha e que termina na Nazaré; um outro com uma trajectória mais interior seguindo, no troço inicial, o vale do rio Tejo e seus afluentes principais, e que inclui Santarém, Entroncamento e Tomar, e continuando após ultrapassar a serra da Lousã, com Coimbra, Mealhada e Aveiro antes de alcançar a grande concentração de unidades urbanas da região do Porto.

Para além da faixa litoral, o restante território nacional é um “deserto” onde as unidades urbanas de rápido crescimento estão praticamente ausentes. Destacam-se, no entanto, alguns casos singulares como sejam os três núcleos urbanos localizados na região de Alto Trás-os-Montes: Bragança, Macedo de Cavaleiros e Mirandela e as três sedes de distrito: Guarda, Castelo Branco e Évora. Na faixa litoral algarvia, estão presentes as duas maiores cidades desta região: Faro e Portimão.

As unidades urbanas de crescimento moderado (mapa nº5) têm uma distribuição espacial essencialmente orientada pela fachada atlântica, desde a foz do rio Lima ao estuário do rio Sado. A norte do rio Mondego existe não só um maior número deste tipo de unidades urbanas, como a sua distribuição se processa mais para o interior. Observe-se o caso particular do conjunto de unidades urbanas que constituem o eixo Aveiro / Viseu, que nesta cidade se espalha em direcção a Moimenta da Beira, a norte, e em direcção a Seia e a Oliveira do Hospital, a sul.

A complementaridade deste tipo de urbes com o tipo anterior, de crescimento rápido, decorre da sua localização, ou seja, as unidades de crescimento moderado localizam-

se na sua maioria na envolvente das duas grandes concentrações de unidades urbanas de crescimento rápido: Lisboa e Porto. Repare-se, no caso da Região de Lisboa e Vale do Tejo, na concentração deste tipo de unidades urbanas nas subregiões do Oeste e na Lezíria do Tejo e Médio Tejo e na Região Norte do país que, centrada em torno da cidade do Porto, está envolta por uma “nebulosa” de unidades urbanas de crescimento moderado. Este último conjunto de unidades urbanas estende-se muito para além dos limites administrativos da Região Norte, estando presente nas subregiões de Dão Lafões e Baixo Vouga, já na Região Centro.

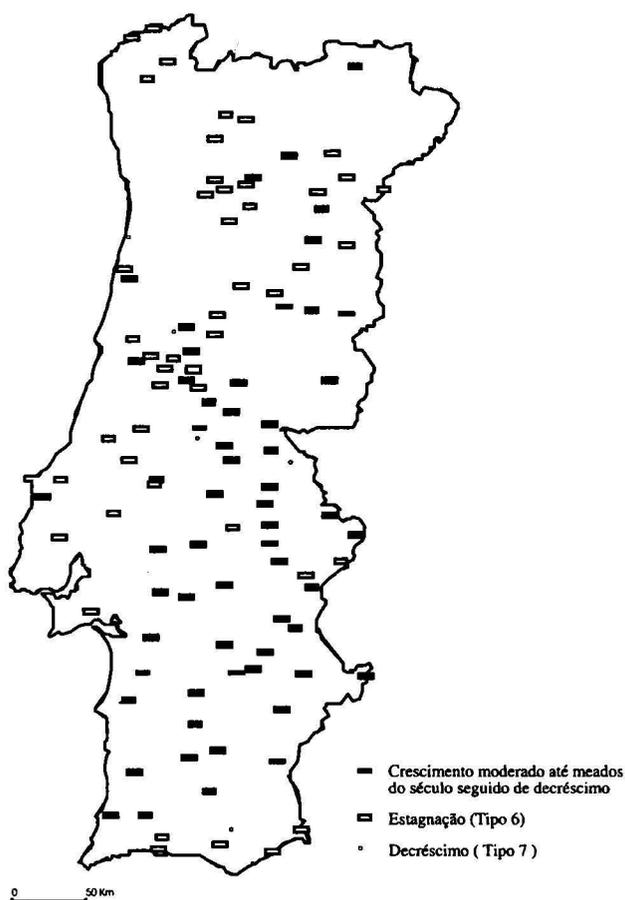


**Mapa n.º 5 – Unidades urbanas: Tipo 3 e Tipo 4**

O comportamento demográfico da cidade do Porto é relativamente singular. Sendo classificada como possuindo um perfil de evolução moderado, esta cidade é o centro de uma região que congrega um importante conjunto de unidades urbanas revelador de um crescimento demográfico rápido.

Nas restantes regiões, as unidades urbanas de crescimento moderado dispõem-se de forma intercalar, entre unidades urbanas de crescimento rápido ajudando a definir algumas pequenas redes urbanas de cariz mais ou menos regional, como é o caso do alinhamento urbano ao longo do litoral algarvio ou do alinhamento fronteiriço Mogadouro, Figueira de Castelo Rodrigo, Guarda, Covilhã, Fundão e Castelo Branco.

O terceiro grande grupo de unidades urbanas que antes designámos por estagnado ou em declínio (mapa nº 6) distribui-se de norte a sul de Portugal com particular incidência no interior e no centro e sul do país.



Mapa n.º 6 – Unidades urbanas: Tipos 5, 6 e 7.

Este comportamento geral não invalida que algumas destas unidades urbanas, fortemente afectadas por inércia urbana, se localizem em áreas onde predominam unidades urbanas que manifestam crescimento moderado ou mesmo rápido. Se desagregarmos

este grande conjunto de unidades urbanas pelos diferentes tipos, 5, 6 e 7, constata-se essencialmente dois comportamentos espaciais relativamente diferenciados: por um lado, as unidades urbanas que apresentam um elevado grau de estabilidade demográfica ao longo destes últimos cem anos (tipo 6), e que se localizam na sua maioria a norte do rio Tejo e na Região do Algarve; por outro, as unidades que apresentaram um crescimento moderado até meados do presente século, mas que a partir de então têm vindo a perder população (tipo 5) e que se distribuem essencialmente pelo interior centro do país e se prolongam por todo o Alentejo.

O pequeno grupo de unidades urbanas que tem registado contínuos decréscimos populacionais (tipo 7) dispõe-se ao longo de uma diagonal que se inicia junto ao litoral na Murtosa, passa por Vila Nova de Poiares, Sardoal e termina em Castelo de Vide. Estas unidades urbanas possuem uma situação muito particular que decorre da sua relativa proximidade de outras unidades urbanas que registam crescimentos rápidos e possuem dimensão demográfica substancialmente superior. Observem-se os casos de Murtosa/Aveiro, Vila Nova de Poiares/Coimbra, Sardoal/Abrantes<sup>7</sup>, Castelo de Vide/Portalegre e, por fim, na região do Algarve, São Brás de Alportel / Faro.

Após esta descrição individualizada de grandes tipos de evolução das unidades urbanas, elaborou-se o mapa de conjunto que é também de síntese — mapa nº 7. Este documento permite-nos identificar imediatamente as principais áreas do país onde predominam os grandes tipos de evolução urbana: as áreas de unidades urbanas de rápido crescimento centradas essencialmente em torno das cidades de Lisboa e Porto, sendo a área que envolve esta última de maior dimensão do que a que envolve a capital.

As áreas de crescimento moderado dispõem-se ao longo de toda a faixa atlântica entre Setúbal e Viana do Castelo, bem como em torno das áreas de crescimento rápido. No caso concreto da área de crescimento moderado da região portuense, verifica-se uma configuração semicircular imperfeita devido à presença de áreas muito acidentadas, como por exemplo, as serras de Montemuro e da Arada, que inibem o desenvolvimento das suas unidades urbanas. No caso de Lisboa, a área de unidades urbanas de crescimento moderado desenvolve-se apenas para norte, orientada pela faixa costeira e pela rede de antigos lugares ribeirinhos do Tejo.

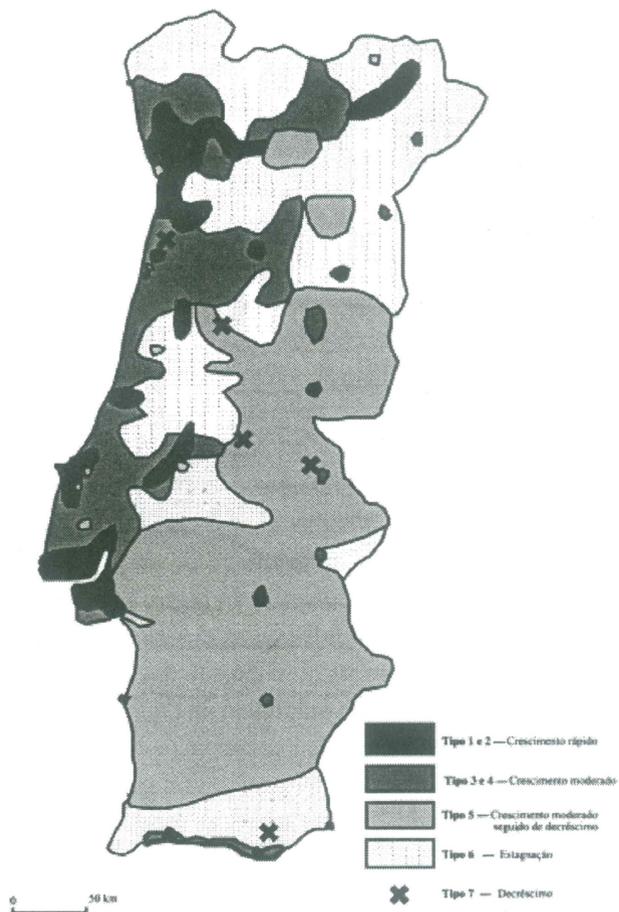
Enquanto a fachada atlântica a norte de Setúbal concentra as grandes áreas de crescimento rápido e moderado, o restante território nacional é coberto por uma rede de unidades urbanas muito fragilizada. Deste contexto geral de depressão destaca-se um pequeno conjunto de dez urbes que detém um perfil evolutivo rápido ou moderado e se dispõe de forma linear ao longo da fronteira com Espanha.

O litoral algarvio apresenta comportamento idêntico ao da fachada atlântica; o restante território daquela subregião, exhibe um conjunto de sedes de concelho de perfil

---

<sup>7</sup> Abrantes é neste contexto uma excepção visto possuir um crescimento moderado.

estagnado, o que evidencia a tradicional dicotomia que tem vindo a acentuar-se entre o litoral desenvolvido e turístico e o interior em acelerado processo de “desertificação” demográfica e muito deprimido economicamente.



Mapa n.º 7 – Área – Tipo de evolução urbana: 1980/1991.

Encontramo-nos, assim, perante uma fachada atlântica entre Setúbal e Viana do Castelo, onde é marcante a presença e acção de um conjunto importante de urbes que ao longo do tempo teve, na sua generalidade, um comportamento demográfico ascendente e que simultaneamente concentra as maiores cidades e as duas áreas metropolitanas.

Esta faixa litoral é tendencialmente mais estreita a sul do Mondego do que a norte deste rio: a sua configuração assemelha-se a uma cunha com o vértice mais fechado na região de Lisboa. A sul desta cidade estende-se a vasta região alentejana, onde pontuam as

urbes de perfil estabilizado, sendo necessário percorrer cerca de 240 Km — distância entre Setúbal e Portimão —, até voltarmos a encontrar uma nova região de cariz urbano dinâmico.

A faixa interior do país, na qual se inclui, a sul, a Serra Algarvia e o Alentejo e que se prolonga até ao Alto Trás-os-Montes, contém de modo geral unidades urbanas de perfil estabilizado e(ou) regressivo. No entanto, devemos ter presente a importância histórica, económica e cultural de um pequeno conjunto de urbes que se destacam neste contexto<sup>8</sup>; pois apresentam um perfil evolutivo de tipo rápido ou moderado, formando assim, como que a coluna dorsal da vasta região interior do país.

Uma interrogação tem acompanhado o raciocínio que temos vindo a fazer: será que existe alguma relação entre o perfil evolutivo das diferentes unidades urbanas e a sua dimensão actual, ou seja, tendencialmente as pequenas unidades urbanas têm um perfil estável e(ou) regressivo e as grande urbes têm um perfil rápido e(ou) moderado?

## **Tipos de evolução e dimensão das unidades urbanas**

De facto, parece existir uma relação directa entre os diferentes tipos de perfis de evolução e a dimensão das unidades urbanas. Do total de 108 unidades com um perfil de tipo estabilizado ou regressivo (tipo 5, 6 e 7), aproximadamente 93% corresponde a unidades urbanas entre os 2 000 e os 10 000 habitantes — quadro nº1. As unidades de crescimento rápido (tipos 1 e 2) têm a sua representatividade mais elevada na classe dos lugares entre 10 000 e 100 000 habitantes, 53%, mas a sua distribuição estatística processa-se com valores igualmente elevados, 44% na classe entre os 2 000 a 10 000 habitantes. As unidades que têm um crescimento moderado (tipos 3 e 4) possuem um comportamento estatístico semelhante ao tipo antecedente, ou seja, 50% dos seus efectivos distribuem-se por lugares de média dimensão e 46% pelos pequenos lugares urbanos.

Analisando a distribuição estatística das diferentes classes de dimensão dos lugares, verificamos que as classes de dimensão superiores a 10 000 habitantes apresentam um elevado valor percentual de unidades urbanas de tipo 1 e 2, enquanto nas classes de lugares mais pequenos é elevada a percentagem de unidades urbanas de tipo 5, 6 e 7.

Em síntese, podemos concluir que as unidades urbanas que tiveram uma evolução rápida, tipo 1 e 2, se distribuem por todas as classes de dimensão de unidades urbanas, sendo o seu peso relativo muito elevado nas de maiores dimensões. As pequenas unidades urbanas têm maioritariamente um comportamento evolutivo de tipo 5, 6 e 7. No entanto,

<sup>8</sup> Com um perfil evolutivo rápido: Bragança, Macedo de Cavaleiros, Mirandela, Guarda, Castelo Branco e Évora. Com um perfil moderado, Mogadouro, Figueira de Castelo Rodrigo, Covilhã, Fundão, Portalegre, Borba e Beja.

assinale-se que este tipo de evolução está ausente em unidades com mais de 20 000 habitantes. As unidades urbanas de tipo 3 e 4 evidenciam um comportamento intermédio — crescimento moderado —, apresentando, contudo grandes semelhanças com o grande grupo das unidades urbanas de crescimento rápido.

**Quadro 1**  
Tipos de evolução das unidades urbanas por dimensão de lugar

<b>Nº de unidades urbanas</b>	<b>2 000 / 10 000</b>	<b>10 000 / 100 000</b>	<b>&gt;100 000</b>	<b>Total</b>
Tipo 1 e 2	45	55	3	103
Tipo 3 e 4	13	14	1	28
Tipo 5, 6 e 7.	100	8	0	108
<b>Total</b>	<b>158</b>	<b>77</b>	<b>4</b>	<b>239*</b>
<b>% Unidades urbanas / total de cada tipo</b>	<b>2 000 / 10 000</b>	<b>10 000 / 100 000</b>	<b>&gt;100 000</b>	<b>Total</b>
Tipo 1 e 2	43,69	53,40	2,91	100,00
Tipo 3 e 4	46,43	50,00	3,57	100,00
Tipo 5, 6 e 7.	92,59	7,41	0,00	100,00
<b>% Unidades urbanas / total de cada classe</b>	<b>2 000 / 10 000</b>	<b>10 000 / 100 000</b>	<b>&gt;100 000</b>	
Tipo 1 e 2	28,48	71,43	75,00	
Tipo 3 e 4	8,23	18,18	25,00	
Tipo 5, 6 e 7.	63,29	10,39	0,00	
<b>Total</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>	

\* Inicialmente, o valor total de unidades urbanas considerado era de 240; exclui-se nesta fase da análise a unidade urbana de Palmela devido ao seu atípico comportamento evolutivo.

Com base na análise que temos vindo a realizar, já nos é possível deduzir um pouco mais sobre o comportamento espacial geral dos diferentes tipos de unidades urbanas. Assim, observa-se, por um lado, a existência de várias urbes em crescimento que estão rodeadas ou têm na envolvente imediata unidades urbanas de perfil estabilizado e/ou em declínio.

Por outro lado, as unidades em declínio ou estabilizadas são de tamanho pequeno e encontram-se distribuídas entre urbes de crescimento rápido ou moderado.

O espaço como entidade geográfica não evidencia a mesma dimensão ao longo do tempo: a trama urbana sofre profundas deformações na envolvente das grandes cidades. A contracção do binómio espaço/tempo leva a que as unidades mais importantes, tanto pelo seu dinamismo como pela sua dimensão demográfica — e que necessariamente dispõem de uma maior oferta de serviços —, tenham tendência a inibir o crescimento de algumas pequenas unidades urbanas. Igual efeito é resultante da melhoria dos transportes e telecomunicações, que produz efeitos benéficos significativos nas interações e nas

trocas de mercadorias e informações que têm beneficiado o nível mais elevado da hierarquia urbana, em detrimento dos níveis inferiores, porque o tempo que as pessoas aceitam gastar nas suas deslocações parece não registar grande variação. Ao longo dos anos, uma mesma unidade de tempo tem possibilitado, teoricamente, percorrer distâncias cada vez maiores, aumentando assim a distância que os consumidores percorrem para concretizarem os seus actos de consumo. Neste contexto de grande mobilidade, participam cidades cada vez mais afastadas, mas que oferecem vantagens acrescidas ao nível da prestação de serviços. Perde assim alguma substância a teoria dos lugares centrais, que pressupunha que os consumidores realizassem as suas deslocações em direcção ao lugar central mais próximo, bem como não considerava que muitas das deslocações têm mais do que um objectivo e privilegiam notoriamente as maiores cidades.